



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras
UNESP – Campus de Assis
ISSN: 1984-2899
www.assis.unesp.br/miscelanea
Miscelânea, Assis, vol.8, jul./dez.2010



A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO COM O HUMOR PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Hélio de Sant'Anna dos Santos
(Doutorando — UFF)

RESUMO

Este artigo versa sobre a contribuição do humor para o ensino de língua materna. É parte de preocupações de longo tempo com a possibilidade de tornar o desenvolvimento da competência linguística uma atividade mais prazerosa, situação constatada em experiências com tal tipo de texto por mais de vinte anos em turmas de ensino fundamental e médio. Pesquisas de Travaglia, Possenti, Rocha, Martins, Marcuschi, Bordini, Berti e Ermida fundamentam a proposta de aplicação didática dos textos humorísticos, e representam, portanto, a base teórica deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Humor; ensino; recurso expressivo.

ABSTRACT

This article is about the contribution of humor to the teaching of mother language. It is part of long-time concern with the possibility of making the development of linguistic competence a more pleasurable activity, situation observed in experiments with such a text for over twenty years in classes of elementary and high school. Travaglia, Possenti, Rocha, Martins, Marcuschi, Bordini, Berti and Ermida researches support the proposal of didactic application of humorous texts, and represent, therefore, the theoretical basis of this work.

KEYWORDS

Humour; teaching; expressive recourse.

Introdução

Este trabalho é fruto de constante preocupação que sempre tivemos com o processamento textual na escola. Acreditamos que trabalhar a constituição dos textos pode realmente capacitar o aluno a entendê-los melhor e a produzir com mais criatividade e desenvoltura as suas próprias histórias. A partir de uma série de experiências com leitura em sala de aula, e levando em consideração o potencial criativo e o sucesso de público e crítica que tem atingido com seus livros, optamos por desenvolver nosso trabalho com base nos textos de Veríssimo.¹

Ao optarmos pela seleção de textos intitulada *Comédias da Vida Privada — Edição Especial para Escolas*, a nossa intenção foi fazer uma análise por amostragem de toda a obra do Verissimo que trata da “vida privada”, deixando de lado os textos que, especificamente, têm como tema a “vida pública”, relacionados às questões políticas. Desta forma, selecionamos da *Edição Especial* as comédias que representam os temas mais diversos, sugeridos pela própria divisão de capítulos do original *Comédias da Vida Privada Privada — 101 Crônicas Escolhidas*, primeira antologia, que, segundo os seus próprios editores, procurou ser uma criteriosa “seleção do trabalho de Luis Fernando Verissimo ao longo de quase trinta anos de imprensa e mais de trinta livros publicados”.

Embora não discutamos neste trabalho o processamento textual propriamente, devemos ressaltar que acreditamos que a leitura corresponde a um processo de interação autor / texto / leitor, em que se consideram diversos fatores, tais como o gênero textual, a intencionalidade e o contexto sociocognitivo, sendo possível afirmar que, para a interpretação dos textos de *Comédias da Vida Privada Privada — Edição Especial para Escolas*, é importante partir do reconhecimento de um contrato de comunicação específico, estabelecido com base na exploração de um princípio de cooperação diferente

¹ Respeitaremos a grafia original do nome do autor, sem acentuação.

daquele comum aos textos não-humorísticos, inseridos no modo de comunicação sério. Deste modo, o leitor passa a identificar as estratégias de produção cabíveis àqueles textos, no caso do livro em questão a ocorrência frequente do contraste na construção da narrativa, o que de alguma forma precisa ser partilhado com o leitor.

Ler um texto humorístico de forma bem-sucedida dependeria, portanto, da apreensão, consciente ou não, das características específicas do gênero e das estratégias empregadas pelo seu autor, atribuindo-se significado adequado ao texto com base na identificação das sinalizações textuais e das inferências sugeridas, sem o que não se chegaria ao riso, uma de nossas preocupações.

Não há dúvida de que o desenvolvimento de tal habilidade colabore para a expansão dos limites da competência leitora do aluno, assim como se supõe a necessidade de maior investigação sobre os aspectos envolvidos no humor. Por outro lado, se o humor pode oferecer tanto material de pesquisa e de aplicação pedagógica, por que há tanta resistência por parte da universidade em investigá-lo?

Por que estudar o humor?

Talvez possamos relacionar o preconceito em relação ao riso com a chamada "ideologia de seriedade", apontada por Neves (1974, p. 37) como uma das causas culturais para o abandono do riso pela análise científica. Ou mesmo com o desabafo de Millôr Fernandes (1994, p. 14), em que ele afirma que "o rótulo humorista continua sendo colocado em intelectuais como um sinal menor ou à parte".

O fato é que o humor assume um papel de extrema importância, já que brinca com os eternos absurdos, contradições, medos, satisfações e frustrações do ser humano, a que sempre estaremos sujeitos, embora em circunstâncias diferentes. E se, por um lado, pode ser usado pelos poderosos como uma forma de manter a ordem, a hierarquia, por outro lado, é mais comum que outras

camadas ou grupos sociais empreguem-no como um instrumento de mudança, de luta, de oposição.

Conforme afirma Ziraldo (1969, p. 3), "O Humor é uma forma criativa de analisar criticamente, descobrir e revelar o homem e a vida. [...] O Humor é um caminho". E, por isso, a experiência com os textos do Verissimo, um dos maiores humoristas — senão o maior — da atualidade, é tão válida quanto apaixonante, pois suas comédias acabam abordando todos esses aspectos inerentes ao riso, à condição humana, à questão social, ao papel do cidadão, do educador, portanto. Ao analisarmos as suas comédias, procuramos reconhecer as suas armadilhas, os seus mecanismos de (des)construção e, quem sabe, perceber, mais de perto, como descreve Bordini (1996, p. 106), "esse riso doce amargo que define o humor e a arte de quem o realiza"; o "riso torto" de quem enxerga o que não vemos e se diverte com nossa cegueira; o "riso desconsolado" de quem não acredita que possa mudar o que vê; o "riso debochado" de quem não leva a sério a seriedade e suas vítimas; o "riso atrevido" de quem não teme ridicularizar os valores sacralizados pela sociedade e pelas ideologias; o "riso liberador" de quem "nos permite superar o peso das opressões diárias, bem ou mal percebidas, sejam elas físicas ou metafísicas, conforme assim as entendermos".

Acreditamos que o trabalho planejado e teoricamente fundamentado possa garantir qualidade no ensino da nossa língua, de modo que se possa ler, entender e escrever com desenvoltura, dentre outros aspectos, reconhecendo os gêneros textuais e as suas peculiaridades.

O trabalho com textos de humor pode ser uma contribuição importante para a árdua tarefa do professor em sala de aula. De um lado, tornamos menos aborrecido o ensino, muitas vezes marcado pelo desinteresse do aluno e até do próprio professor, desgastados pela rotina, pelo cansaço, pelas regras. Martins (1994, p. 9), referindo-se à contribuição do humor no dia-a-dia estressante do mundo contemporâneo, afirma:

A armadura que o herói moderno veste para ir às suas batalhas — terno, gravata e pasta de executivo, ou o vestido e blazer da

heroína — esconde muito mal o desconforto de seu dono. O humor contagia, seja ele bom ou mau humor, e esse desconforto da roupa que não nos protege, mas aperta, tem o dom de, como uma nuvem, toldar nosso ambiente interno e comunicar-se aos outros. É a atitude, são nossos modos e nosso olhar que interagem, produzindo uma atmosfera.

Quando tomamos carona numa gargalhada geral, sem saber o que fez aquelas pessoas rirem, rimos assim mesmo e ficamos querendo entrar na história devido ao campo magnético de renovação que o riso cria. Somos desarmados pelo riso. As crianças sabem muito bem como usá-lo para enfrentar as situações de poder que as restringem.

Depois, conta uma situação tensa em que uma classe estava resolvendo uma prova de Química, todos envolvidos em cálculos demais para pouco tempo, absortos, “em grande silêncio”:

De repente, um menino de uns dez anos grita altíssimo de uma das quadras: “*Haiôôô, Sílver!!!!*” O silêncio da classe se condensa por um ou dois segundos, antecedendo uma gargalhada que explode em uníssono. Tive a impressão de que, naquele dia, o cavalo do Zorro salvou minha classe de um enfarte precoce. (MARTINS, 1994, p.19-20, grifo da autora)

Rocha (2005, p. 32; 67) alude também ao caráter autoritário e de tensão associado à escola, propondo o humor como uma alternativa, aliviando o professor “da rotina estressante, de uma jornada de trabalho extenuante e muito além do recomendável”, podendo a alegria proporcionada pelo humor tornar-se uma espécie de ponte para “chegar ao alunado”.

Sob o aspecto específico da linguagem, tais textos, como defende Travaglia (1990, p. 63-4), evidenciam certos fatos importantes do funcionamento discursivo textual e dos recursos da língua. Berti (2002, p. 119) segue esta linha de raciocínio, ressaltando dois importantes fatores, os quais justificariam o trabalho com o humor: a) a interação inerente a esses textos, em especial as piadas, o que obriga os interlocutores a uma inevitável parceria²; e b) a diversidade de textos à qual o aluno deve ser exposto, conforme orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais. O autor apresenta

² Poderíamos falar aqui na exploração pelo humorista do Princípio de Cooperação de Grice.

algumas sugestões, das quais destacaremos uma, de modo a demonstrar a sua proposta:

O suicida
Último bilhete deixado por um obstetra: "Parto sem dor".³

Berti (2002, p. 120) propõe, então, uma reconstrução do texto, em que o tema da piada seria uma outra profissão, exemplificando com a de motorista: "*Conversa de salão de cabeleireiro: não sou barbeiro!*" (grifo do autor). O recurso poderia ser aplicado a outras profissões, numa forma de estimular a criatividade do aluno. Além de falar na possibilidade de se explorar o esquema da narrativa, ele expõe brevemente um trabalho semântico com a piada. Discute ora o valor polissêmico de "parto", que pode sugerir o verbo partir ou o substantivo parto, ora as atribuições sugeridas ao substantivo parto pela expressão "sem dor", levantando a hipótese de que pode haver dúvida se a ideia de dor recai sobre o médico ou sobre quem dá à luz. Enfim, como o autor conclui, é possível explorar uma série de significações com os alunos.

Possenti (1998, p. 20-1), assim como vimos em outros autores, dentre eles Travaglia (1990, p. 78), aponta vantagens de trabalharmos os textos humorísticos, embora não creia especificamente numa linguística do humor, como vemos:

Na verdade, não faria sentido uma linguística do humor. Se a linguística, ou alguma linguística, for razoavelmente boa, deve servir para análise de diversos tipos de manifestação da linguagem, e, eventualmente, algumas áreas da linguística podem fornecer instrumentos melhores para clarear determinados aspectos da linguagem da criança, do afásico, do humor, de certo tipo de texto literário, etc. [...] Ora, a análise de textos humorísticos mostra que os aspectos explorados são os mais diversos, talvez todos, mais ou menos como são mobilizados, direta ou indiretamente, [...] para falar quotidianamente, para fazer literatura ou para a escrita em geral, etc. Evidentemente, alguns saltam mais aos olhos, mas isso não significa que sejam os únicos fatores envolvidos (p. 21).

³ Transcrito, segundo Berti (2002, p. 119), de Quintana, 1987.

Ele afirma que há linguistas que trabalham “sobre ou a partir de dados colhidos em textos humorísticos”, com os quais é possível discutir, como em textos não humorísticos, o funcionamento da linguagem, criticando o fato de que não se tenha ainda dado o devido valor ao trabalho com os textos de humor. Possenti (1998, p. 71-2) demonstra vastamente possibilidades de análise de textos humorísticos, dentre eles alguns que se referem diretamente à interpretação, como os comentários sobre trecho de “Palavreado”⁴, de Verissimo, o qual transcrevemos abaixo:

Gosto da palavra “fornida”. É uma palavra que diz tudo o que quer dizer. Quando você lê que uma mulher é “bem fornida”, sabe exatamente como ela é. Não gorda mas cheia, carnuda. E quente. Talvez seja a semelhança com a palavra “forno”. Talvez seja apenas o tipo de mente que eu tenho (p. 71).

Possenti (1998, p. 71) diz que Verissimo toca em “dois problemas cruciais da interpretação”, chamando a atenção para a relevância do texto e do leitor/ouvinte, ou seja, “as palavras e sua semelhança e relação com outras”, numa alusão aos conceitos de “texto e intertexto”, e o “tipo de mente”, o que pode ser entendido como “o conhecimento da língua e de um certo número de fatores contextuais que devem ser acionados para que um texto seja interpretado”.

O debate em torno da passagem citada já seria por si relevante para apontar uma proposta de atividade na sala de aula, fazendo com que a aprendizagem ocorresse de uma forma descontraída, alegre, menos desgastante. E certamente os diversos textos que compõem o livro *Comédias da vida privada — Edição especial para escolas* poderiam servir de base para reconhecer uma variedade de mecanismos da linguagem, principalmente se encararmos a língua do ponto de vista da teoria sociocognitivo-discursiva, reconhecendo o texto como um processo, não apenas como produto acabado.

⁴ O autor cita como referência o livro *O analista de Bagé*, sem especificar o ano de publicação. Em outro momento, ao referir-se ao texto *Irmãos*, Possenti (1998, p. 126) menciona o ano de 1981 e a Editora LPM. *Palavreado* foi reeditado em *Comédias para se Ler na Escola*, pela Editora Objetiva, em 2001.

Pereira (1999, p. 221), em seu apaixonado artigo, levanta inúmeros elementos comprovadores em diversos autores clássicos e contemporâneos de que "um texto é a língua portuguesa concretizada, viva, atual, plena", não simplesmente um amontoado de classes gramaticais ou um pretexto para a verificação de qualquer mecanismo linguístico, o que seria desconsiderar, dentre outros aspectos, a "perspectiva histórico-sócio-cultural" da nossa língua. Suas palavras esclarecem:

Quando "tomamos" um texto (é tomar mesmo, apropriar-se, apossar-se), é preciso percebê-lo inteiro, nas suas estruturas mais profundas, na sintaxe que o formou, na morfologia que o moldou, na semântica que lhe deu sentido e nas palavras selecionadas para tal. O adjetivo não só define ou qualifica. É para que se entenda por que está ali, qual o seu valor, sua contribuição para o resultado final do texto. O ponto de exclamação não é só para se admirar, nem para caracterizar a surpresa, mas para contribuir para a sintaxe, para o ritmo, para o sentido geral (p. 220, grifo da autora).

E é com tal propósito de análise que acreditamos no trabalho com os textos de Verissimo como importante contribuição para o ensino da língua portuguesa nas escolas, como também parece sugerir Pereira (1999, p. 230):

Luis Fernando Verissimo talvez seja, na atualidade, um dos que melhor "manipula" a língua portuguesa. Vamos deter-nos no veículo jornal, popular e acessível ao grande público. Verissimo, se bem que haja predomínio de matéria política nos seus textos, discorre sobre qualquer assunto, com precisão linguística incomum. Jogos verbais, pontuação, sintaxe, neologismos, tudo se observa com traço peculiar, original, sem em nenhum momento resvalar para um "populismo linguístico". É acadêmico sem jamais deixar aprisionar-se pela regra, pelo convencional, exercendo o humor em todas as suas modalidades: do mais sutil ao mais ferino. Confere, por vezes, rara metalinguagem ao seu texto, propiciando uma discussão permanente sobre a linguagem sem que o leitor perceba, porque opera em níveis variados (grifos da autora).

Acreditamos realmente na riqueza de recursos manipulados por Verissimo em seus textos e, ainda que não estejamos tratando de um guia de leitura, de receita para uma aula ou algo do gênero, julgamos por bem sugerir

algumas atividades fundamentadas em *Comédias da vida privada* — Edição Especial para Escolas.

Aplicação didática de *Comédias da vida privada*

Reiteramos, antes, a preocupação de adequar o texto ao nível de leitura em que o aluno esteja inserido, pois cada texto exige uma série de requisitos para que seja interpretado, como sugere Possenti (1998, p. 78): “textos podem até permitir mais de uma leitura, mas frequentemente impõem só uma e geralmente impedem uma leitura qualquer”. Sobre a atividade de leitura, segundo Pauliukonis (PAULIUKONIS, 2006, p. 128), uma prática que deve funcionar para o ensino de interpretação é o abandono da ideia da busca incessante do sentido hegemônico de um texto e a focalização no modo como ele foi feito, pois o sentido poderá resultar do reconhecimento de estratégias utilizadas para sua construção, da tomada de consciência do processo por parte do aluno.

Orientado pelo professor e, quem sabe, desenvolvendo algumas análises em conjunto, é provável que o aluno atenda à proposta com sucesso. É possível propor, nos moldes da sugestão de Berti (2002, p. 119-20), que o aluno trabalhe com os esquemas narrativos dos textos, principalmente quando apresentam alguma semelhança. No texto, “Sala de espera” (p. 7), por exemplo, em que um casal aguarda uma consulta e alimenta, cada um a seu modo, uma série de expectativas muito diferentes em relação a uma possível sedução do outro, sem que ao final o contato se realize, frustrando a si mesmos e ao leitor. Seria possível propor o estabelecimento de uma relação da quebra de expectativa ocorrida nesta história com a de outro(s) texto(s) do livro. “Na corrida” (p. 27) é uma opção: um casal se conhece durante uma rotina de corridas, começa um relacionamento, mas não consegue manter a relação fora das circunstâncias específicas de uma corrida.

O aluno ainda poderia ser desafiado a produzir narrativa semelhante, criando ambiente em que o universo masculino fosse confrontado com o

feminino e resultasse em desfecho incomum, inesperado, conforme ocorre nos dois textos.

O texto "A volta (I)" (p. 16), em que vemos um personagem retornar à cidade natal depois de trinta anos e acabar confundindo-se numa estação de trem, gerando bastante confusão, também poderia ter seu esquema narrativo comparado a outro no livro, "A volta (II)" (p. 19). Neste, um suposto sobrinho viaja a uma cidadezinha para rever a sua tia, mas para no número errado. Estava no 2001 e deveria ter chegado ao 201. Ele é confundido com um cãozinho de estimação da senhora e acaba, de certa forma, pedindo para tomar o seu lugar. Outros textos do livro apresentam o tema do reencontro após certo tempo, como "Trinta anos" (p. 11), "Grande Edgar" (p. 22) e "Amigos" (p. 53), o que poderia servir de referência para expandir a atividade, com o aluno produzindo o seu próprio conto.

"Lar desfeito" (p. 34) conta a história de uma família em que os filhos sentem-se deslocados diante da harmonia de seus pais, o que leva os cônjuges a fingir infelicidade e conseqüente separação, para adequar-se às convenções sociais do momento. Além de promover uma rica discussão sobre a sociedade e a forma como muitas vezes submetemo-nos às suas regras, pode-se propor o reconhecimento da construção do texto a partir das oposições semânticas em nível microestrutural e no âmbito da macroestrutura. Seria uma oportunidade para constatar de perto como as unidades narrativas organizam-se hierarquicamente, de modo a constituir a coerência global, formando um todo.

Em "O homem trocado" (p. 77), um homem acorda de uma anestesia e, num diálogo com a enfermeira, recebe a informação de que a cirurgia fora bem sucedida. Ele insiste no diálogo contando toda a sua história, marcada por uma série infundável de enganos. Fora trocado na maternidade. Trocaram seu nome. Recebia castigo pelo que não fazia. Aprovava-se no vestibular, mas, por engano do computador, seu nome não constava na lista. Pagava contas de telefone sem ter uma linha. Até a mulher conheceu por engano! Fora preso por engano várias vezes. O médico afirmara que estava desenganado. E era mais

um engano; o problema era uma simples apendicite, que acabara de resolver. É quando descobre que havia, na verdade, trocado de sexo.

Pode-se apontar como recurso básico para atingir o humor no texto o contraste entre a tranquila situação inicial e a constatação de que continuava a ser perseguido pelo engano. E, como sugestão para atividade, seria possível propor aos alunos, individualmente ou não, que elaborassem uma narração em que determinadas palavras de um campo semântico — no caso do texto, “troca” e “engano”, principalmente — marcassem a vida de um personagem, de modo que, como na comédia de Verissimo, uma situação inicial tranquila, de aparente alívio, contrastasse com a manutenção de sua sina, de seu destino incômodo.

Partindo do estudo da comédia “O ator” (p. 79), em que o leitor é confundido com a oposição de *scripts* do ator e do homem comum em seu dia-a-dia, trabalhar-se-iam os limites entre as profissões, como escrever sobre o professor, o médico, o dentista, o repórter ou qualquer profissional e sua dificuldade exagerada em se desvencilhar dos seus afazeres rotineiros. Em relação ao texto “A mesa” (p. 101), poderíamos propor a exploração da oposição entre uma situação habitual, corriqueira, e seu absurdo, como o de resolver permanecer eternamente à mesa do bar, conforme decidiram os personagens de Verissimo.

Considerações finais

Com certeza, embora a aplicação pedagógica de recursos de humor mereça estudos mais abrangentes, há sempre uma possibilidade enriquecedora para trabalhar o texto de Verissimo, levando o aluno a desenvolver-se enquanto leitor proficiente, oferecendo a oportunidade de tornar-se consciente de seu papel no ato de leitura. De acordo com o entendimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 22), é preciso adotar a concepção interativa de leitura, o que significa compreender que autor, texto e leitor interagem dinamicamente em um gênero específico, colocando em ação várias

estratégias sociocognitivas, contribuindo, portanto, para o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como para o reconhecimento da função estética dos usos da linguagem.

Desta maneira, não cabe mais serem priorizadas propostas de atividades em que aluno e professor participem de experiências que não representem significado concreto. É imprescindível que haja sentido concreto naquilo que os profissionais de ensino propõem na escola em suas aulas.

Naturalmente, em todas as áreas de ensino há muita pesquisa, muito investimento em torno de tal concepção de aprendizagem, conhecimento nem sempre acessível aos professores, na maioria das vezes prisioneiros da rotina de aulas e diários em muitas escolas. Por outro lado, é praticamente impossível falar em "aprendizagem significativa" sem que o professor tenha contato com as pesquisas atuais, seja a partir da formação continuada nas escolas, seja a partir da leitura ou da troca de experiências. Torna-se bastante importante que o próprio professor estude, investigue, desenvolva a prática científica, de modo que possa encontrar as melhores alternativas para o seu trabalho diário. Parece óbvio que um maior intercâmbio entre escola e universidade seria uma excelente alternativa para que o processo de ensino-aprendizagem fosse pelo menos mais consciente.

Para concluir este artigo, cabem as observações de Cidreira, Oliveira e Pereira (2005, p. 138), alertando para o fato de que pouco importa se, para produzir o texto, o autor "se utiliza de sua intuição linguística e não de saber conceitual", o importante é oferecer condições ao aluno de reconhecer os recursos linguísticos utilizados, fazendo-o compreender que "pode usar os mesmos recursos disponíveis para todos no sistema da língua", respeitando, é claro, as diferenças naturais de vivência, talento e criatividade, competência para a qual julgamos o trabalho com *Comédias da vida privada — Edição especial para escolas* uma contribuição significativa.

Referências bibliográficas

BERTI, Marcos L. Humor e Linguística: reflexões para uma proposta de ensino. In: *Revista InterAtividade*. Andradina, SP: FIRB EDITORA, vol. 2, n. 1, p. 115-126. jan/jun 2002.

BORDINI, Maria da Glória. Na pista do gigolô das palavras. In: VERISSIMO, Luis Fernando. *O gigolô das palavras*. Porto Alegre: LPM, 1996, p. 99-106.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: 1998.

CIDREIRA, Iraneide A. F., OLIVEIRA, Maria Lília S. de e PEREIRA, Maria Teresa G. Língua e Literatura: interfaces sob a ótica da linguagem. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar e SIMÕES, Darcília (org.). *Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2005, p. 136-146.

ERMIDA, Isabel Cristina da Costa A. *Humor, Linguagem e Narrativa: para uma análise do discurso literário humorístico*. Braga, 2002, 524 p. Tese de Doutorado em Ciências da Linguagem. Universidade do Minho.

FERNANDES, Millôr. Sobre Comédias da Vida Privada. In: *O Estado de São Paulo*, 4 set. 1994.

ILARI, Rodolfo e GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KLEIMAN, Ângela. *Aspectos cognitivos da leitura*. São Paulo: Pontes, 1996.

_____; MORAES, Sílvia E. *Leitura e interdisciplinaridade*. Tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado Aberto, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1993.

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____; VILELA, Mário. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

MACHADO, Ana Maria. Bom de ouvido. In: VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 9-15.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (org.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 23-36.

MARTINS, Aracéli. *Entendendo o humor*. São Paulo: Paulus, 1994.

NEVES, L. F. Baêta. A ideologia da seriedade. In: *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 68, ano 68, n. 1, p.35-40, jan/fev 1974.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida L. Estratégias argumentativas no discurso publicitário. In:_____; SANTOS, Leonor W. dos (org.). *Estratégias de leitura: texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

PEREIRA, Maria Teresa G. Língua Portuguesa: de sua celebração em forma de textos. In: VALENTE, André (org.). *Aulas de português: Perspectivas inovadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 217-234.

PINTO, Zivaldo Alves. A revista Pererê. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 26 out. 1969. Suplemento Dominical, p. 3.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua*. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

RASKIN, Victor. *Semantic mechanisms of humour*. Holland: Dordrecht, D. Reidel Publishing Company, 1985.

ROCHA, Cláudia Moura da. *Aprender Só... Rindo: aulas de português com alegria*. Rio de Janeiro: 2005. 252 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Instituto de Letras, UERJ.

TRAVAGLIA, Luiz C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. In: *Revista DELTA*. São Paulo: EDUC, vol. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.

VALENTE, André. Metáfora, campo semântico e dialética na produção e na leitura de textos. In:_____. (org.) *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 49-66.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias da Vida Privada — 101 Crônicas Escolhidas*. Porto Alegre: LPM, 1994.

_____. *Seleção de crônicas do livro Comédias da vida privada*. Porto Alegre: LPM, 1999.

Artigo recebido em 23/05/2010 e publicado em 08/11/2010.